

NATÉRCIA CAMPOS: ATÉ ONDE SER NORDESTINA E FILHA DE UM GRANDE ESCRITOR PODE MITIGAR O BRILHO DE UMA BELETRISTA EM ASCENSÃO

NATÉRCIA CAMPOS: HOW BEING A BRAZILIAN NORTHEASTERN WOMAN AND A GREAT MALE WRITER'S DAUGHTER CAN MITIGATE THE SHINE OF AN EMERGING LITERARY FEMALE FIGURE

Gisele da Silva Souzaⁱ
Yls Rabelo Câmaraⁱⁱ
Laura Lucy Diasⁱⁱⁱ

Resumo: Natércia Campos, escritora cearense premiada – apesar de sua relativamente curta carreira literária –, a despeito de seu berço privilegiado, é ainda bastante desconhecida pelo grande público leitor – inclusive no Ceará. Utilizando-se de uma maneira muito própria de narrar, ela imprimiu sua marca indelével em contos, em algumas obras ficcionais com teor viagístico e em um romance: *A Casa* (1999) – que é o nosso *corpus* nesta pesquisa básica, qualitativa e exploratória. O levantamento bibliográfico que fizemos teve por intuito responder à pergunta de pesquisa: **Por que, com tantas credenciais e méritos, Natércia Campos não é amplamente conhecida por leitoras e leitores Brasil adentro e Brasil afora, como outras conterrâneas e contemporâneas suas?** No afã de respondê-la, neste artigo, baseamo-nos em Cavalcante (2012), Lima (2009) e Freire (2022), dentre outras/os pesquisadoras/es. Concluímos que, entre os fatores que levaram ao seu ofuscamento, estão o fato de ela ter sido filha do ilustre escritor Moreira Campos, de haver-se iniciado tardiamente como escritora, de havê-lo feito utilizando-se do fantástico e enaltecendo o Nordeste, uma região subestimada em termos políticos, sociais e econômicos.

Palavras-chave: Escritoras Nordestinas Ofuscadas Historiograficamente; Escritoras Cearenses Silenciadas; Natércia Campos; *A Casa*.

Abstract: *Natércia Campos, an award-winning female writer from Ceará – despite her relatively short literary career –, in spite of her privileged birth, is still quite unknown by the reading public – even in Ceará, her birthplace. Using her own unique way of narrating, she left her indelible mark on short stories, some fictional works with a travel content and a novel: A Casa (1999) – which is our corpus in this basic, qualitative and exploratory research. The bibliographic survey we carried out here aimed to answer the research question: With so many credentials and merits, why is Natércia Campos not widely known by readers throughout Brazil and abroad, as her fellow countrywomen and contemporaries? In our eagerness to answer it, in this article, we base our theoretical debate on Cavalcante (2012), Lima (2009) and Freire (2022), among other researchers. We conclude that among the factors that led to her obfuscation, there was the fact that she was one of the brilliant writer Moreira Campos' daughters, besides the facts that she began as a writer late in her life, and that she wrote fantastic literature praising the Northeast of Brazil – a region underestimated in political, social and economic terms.*

Keywords: *Northeastern Female Writers Historiographically Overshadowed; Silenced Female Writers from Ceará; Natércia Campos; A Casa.*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

ⁱ Doutoranda em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. *E-mail:* giselesouza.prof@gmail.com.

ⁱⁱ Doutora e Mestra em Filología Inglesa (Letras – Língua Inglesa) pela Universidad de Santiago de Compostela, na Galiza, Espanha, com Estágio Pós-Doutoral em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Idealizadora, Orientadora e Líder do Grupo de Estudos Filhas de Avalon. Professora Visitante na UECE e Pesquisadora da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). *E-mail:* ylscomara@hotmail.com.

ⁱⁱⁱ Graduada em Letras (Licenciatura Plena em Língua Portuguesa) pela Universidade do Grande ABC. Especialista em Literatura pela Universidade do Grande ABC. *E-mail:* lauralucydias@gmail.com.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo lança um olhar diferenciado sobre a trajetória de Natércia Campos, uma escritora cearense que, apesar de ter sido filha de Moreira Campos, um dos maiores contistas da Literatura Brasileira, e de ter tido ela mesma uma participação importante no beletrismo nacional, foi ofuscada pelo Cânone Literário Brasileiro durante muito tempo, sendo, o mais das vezes, referenciada como “a filha de Moreira Campos” em detrimento de suas próprias contribuições literárias – e de qualidade.

Percebe-se que não somente ela foi obnubilada, mas seu estilo de escrita também, uma vez que usava o Sertão como cenário de suas tramas, local este que ela bem descreve sem jamais ter tido vivências nele – o que a engrandece ainda mais, mas que serviu de argumento contrário para a crítica literária mais ferina. Consoante Cavalcante (2012), *A Casa*¹, sua obra-prima, traz representações de crenças, danças, tradições e ritos dos povos sertanejos dentro da dimensão do habitar dessa casa, narrando a trajetória das gerações de uma família que ali moraram.

Sendo assim, por meio do ponto de vista dessa personagem que é, ao mesmo tempo, cenário e narradora diegética, versa-se sobre os nascimentos, conflitos, amores, doenças e falecimentos que ali se deram e que ela presenciou, consolidando-se com seus sentimentos de lugar que cativa e é cativado, visto que a obra se inicia assim: “Fui feita com esmero, contaram os ventos, antes que eu mesma dessa verdade tomasse tento” (Campos, 2004, p. 7).

Além disso, há a relevância de sua obra em perceber tensões e rupturas dentro do Sertão, tornando a sua narrativa atemporal, visto que, ao ler o texto, podemos localizar sua temática tanto hoje como há um século atrás. Aliás, é com a sua escritura *sui generis* que ela traça o seu “Sertão de dentro”, que rompeu com determinadas visões do Sertão que eram apresentadas nos romances regionalistas, especialmente os da Geração de 1930 (Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Lins do Rêgo e Jorge Amado).

A importância intrínseca deste estudo reside na investigação das possíveis causas que conduziram uma notável escritora laureada em múltiplas ocasiões, membra destacada da Academia Cearense de Letras e autora de obras indispensáveis para a compreensão do Nordeste brasileiro para além da seca, a não ser tão conhecida nacionalmente quanto cremos que ela merece – em muito por seu legado literário bem ao estilo de sua vida – que mesclava realidades mais tangíveis com outras mais etéreas. Constata-se que Natércia Campos foi solapada pelo predomínio de beletristas provenientes das regiões Sul e Sudeste, e por conterrâneas/os

¹ Aqui, tal como no *corpus*, “A Casa” será sempre grafada de maneira capitalizada, ou seja, com letras iniciais maiúsculas, respeitando o estilo da escritora na obra em tela (Nota das Autoras).

suas/seus, resultando em sua lamentável obscuridade e subestimação no âmbito da literatura nacional.

Para sistematizar a apresentação da presente análise, este artigo encontra-se organizado em três seções, a saber: na primeira, é detalhado o percurso metodológico que utilizamos – da idealização da pesquisa à concretização do texto –; na segunda, apresentamos o marco teórico que nos amparou na investigação; e na terceira, mostramos os resultados aos quais chegamos e promovemos a discussão dos temas aqui trabalhados.

1 PERCURSO METODOLÓGICO

A oportunidade para a escrita deste artigo nasceu das aulas e dos encontros sobre escritoras nacionais e internacionais e dos debates sobre seus legados e seus apagamentos, escopo do Grupo de Estudos Filhas de Avalon, do qual fazemos parte como membras fundadoras. Dentre esses momentos de partilha, a II Edição foi finalizada com uma aula sobre Natércia Campos – escritora que desconhecíamos e a quem passamos a estudar desde então. Dentro da proposta deste dossiê, “Escritoras Nordestinas Ofuscadas pelo Cânone Literário Brasileiro”, em meio a tantas que poderíamos eleger, optamos por contribuir com nossa análise desta beletrista nordestina premiada e que foi ofuscada literariamente sem que houvesse uma justificativa plausível para isso. Na investidura de descobrir as causas desse ofuscamento e a modo de femenagem, dedicamos-lhe esse nosso trabalho.

Deste modo, o artigo está pautado em um levantamento bibliográfico: é uma pesquisa de natureza básica, de abordagem qualitativa e de objetivo exploratório que partiu do estudo da trajetória de Natércia Campos, da leitura do romance *A Casa*, que é o nosso *corpus*, e da revisão de literatura a partir de trabalhos científicos que tratam da temática, discussão e exposição sobre o assunto aqui evidenciado.

Para tal propósito, a pesquisa foi feita acerca do que foi estudado e publicado sobre a escritora e sua obra nos últimos dez anos, atualizando o estado da arte, partindo de descritores e palavras-chave que foram considerados fundamentais, tais como: *A Casa*, *Natércia Campos*, *Literatura do Sertão*, *Escritoras Nordestinas Silenciadas* e *Apagamento de Beletristas Cearenses*, dentre outros lançados no Google Acadêmico e usando o filtro temporal acima descrito. Esse filtro é ideal quando a busca nos traz trabalhos científicos publicados nos últimos quatro anos, porém, ele não contemplaria determinados materiais que nos auxiliaram na compreensão do que aqui apresentamos porque nosso objeto de estudo é menos tratado academicamente do que supúnhamos a princípio.

A partir disso, realizou-se uma triagem na escolha de trabalhos acadêmicos que se adequassem à pesquisa. Os textos selecionados foram armazenados em uma pasta compartilhada entre as autoras no Google Drive e, por meio de reuniões, analisou-se, discutiu-se e elaborou-se o presente artigo.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 Influências e vertentes na escrita de Natércia Campos, uma escritora com estilo

As/os grandes escritoras/es deixam, como legados vivos, a sua obra com o passar dos anos. É o caso de Natércia Campos, autora de poucas obras publicadas, mas todas imprescindíveis para o entendimento do Sertão, com suas paisagens e representações que vão além da literatura clássica comum a esse local. Aqui cabem parênteses onde ratificamos que sua escrita é posterior à da chamada “Geração de 1930”, a segunda fase do modernismo brasileiro, quando o regionalismo foi muito bem representado por intelectuais como Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo e tantas e tantos outros.

No caso de Natércia Campos, ela expõe os costumes porta adentro dos sertanejos, suas crenças e vivências de forma poética, numa tessitura parecida com a de alguém que trabalha com bordados, construindo personagens e sentimentos expressos por elas. Esse estilo faz espelhamento com suas próprias aptidões artísticas. Ao acessarmos o *site*² da Academia Cearense de Letras, encontramos esta citação sobre ela:

Contista, cronista e romancista, com vários trabalhos premiados nacionalmente, dentre eles: “A escada” (1978), primeiro lugar na categoria conto do Prêmio do Banco Sudameris; *Illuminuras* (1998), premiado na 4ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira; *A casa* (1998), Prêmio Osmundo Pontes de Literatura; “Voos”, Prêmio Ideal Clube de Literatura.

Com um currículo de tamanha importância, sendo assim, uma escritora de magnitude significativa, há de se perguntar o porquê de ela ter sido bastante ostracizada pelo Cânone Literário Brasileiro. **Se foi premiada e possui obras de excelência como *A Casa*, que é o seu *Magnum Opus*, por que sofreu um grau considerável de apagamento?** Foram essas e outras questões que nos levaram a pesquisar e escrever sobre ela.

² Disponível em: <https://academiacearensedeletas.org.br/membros/natercia-campos/>. Acesso em: 31 out. 2023.

Natércia Maria Alcides Campos, à luz de Porto (2013), nasceu em Fortaleza, precisamente no bairro Praia de Iracema, no dia 30 de setembro de 1938, falecendo na mesma cidade no dia 2 de junho de 2004, aos 66 anos de idade. Sua infância e grande parte da adolescência foram vivenciadas ao lado do pai escritor, Moreira Campos, cearense também – o grande contista modernista (da mesma linhagem de Machado de Assis e Chekov), professor catedrático da disciplina de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Ceará, integrante do Grupo Clã e membro da Academia Cearense de Letras. Com essas credenciais, podemos imaginar quão rica foi a formação intelectual de Natércia e de seus irmãos Marisa e Cid.

Contudo, contrariando o que se prognosticava para ela, de ser uma continuadora do legado literário de seu pai, ela casou-se aos 17 anos e foi mãe de seis filhos. Diferentemente das tendências verbais de Moreira Campos, ela preferiu viver para a família que formara e só muito tempo depois, nos anos 1980s, sendo já avó, começou a percorrer os caminhos e meandros da Literatura, mas fê-lo muito bem – sendo laureada por isso em diversos momentos de sua curta trajetória como literata.

Ter sido filha de Moreira Campos e haver assumido o beletismo tardiamente foram fatores que causaram diversos entraves em sua carreira, especialmente com relação à crítica literária, pois era comparada a ele amiudadas vezes, apesar de sua escrita própria conter leves vestígios do estilo que seu pai adotava e que a influenciaram – mas ela nunca escondeu isso³. Seu pai lhe era uma inspiração. Há diversos intertextos escritos por ela tendo como referência a obra de Moreira Campos, tal qual os contos intitulados “A Menina” [dela] e “Dizem que os cães veem coisas” [dele], que têm uma conexão dialógica, ambos abarcando a temática da morte⁴.

O primeiro conto de Natércia foi publicado no ano de 1987, sob o título “A escada”, e já trazia uma dualidade entre o real e o fantástico, uma marca muito presente em sua escrita, sendo vencedor do Concurso Literário Sudameris, da Academia Botucatuense de Letras. Além dessa premiação, e tal como já mencionamos, sua obra foi laureada com o Prêmio Osmundo Pontes e a autora fez parte da Academia Cearense de Letras, tomando posse da cadeira Nº 6 em 28 de fevereiro de 2002. Infelizmente, não pôde desfrutar plenamente desse feito, pois faleceu

³ Chaves, S. W. F. *Cartografias do “sertão-de-dentro” na obra A Casa de Natércia Campos*. 2022. 122 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2022.

⁴ TIMBÓ, M. P.; COUTINHO, F. M. A. A relação dialógica nos contos: “Dizem que os cães veem coisas”, de Moreira Campos e “A Menina”, de Natércia Campos. In: *Revista Literatura em Debate*, Frederico Westphalen, vol. 6, n. 11, 2012, p. 32-52. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/19570?locale=en>. Acesso em: 20 nov. 2023.

pouco mais de dois anos depois, quando um câncer extemporâneo a levou – ou, como ela costumava se referir à morte, à moda dos povos originários de sua terra, a “encantou”.

Dentro do seu percurso literário, que se iniciou com o conto supracitado, publicou, entre suas principais obras, *Iuminuras* (1988), com diversos contos; *Por terra de Camões e Cervantes* (1998), sobre viagens; *A noite das fogueiras* (1999), um livro de ficção; e *A Casa* (1999), romance que demonstra sua grandiosidade como escritora.

Quanto ao seu estilo com as palavras, Natércia provoca um grande impacto em quem a lê. Curiosamente, ela usava de um critério muito particular para fazer a seleção vocabular de cada um de seus escritos e transferia para as suas personagens e cenários, muitas de suas próprias crenças. Ademais, ela tinha um campo semântico bastante peculiar – herdado das histórias que ouvira quando criança e mocinha de seus antepassados, contadas também pelo pai e sua babá e contidas nas múltiplas leituras que fazia sobre o que depois viria a escrever. Interessante também é o fato de que, mesmo não tendo vivido no Sertão nem sendo sertaneja, ela se apropriou de uma cultura que não experimentara para escrever com propriedade sobre ela. Fê-lo com tanta maestria que se tornou referência sobre escrita literária acerca do Sertão.

Uma de suas grandes influências no que tange a expressar os costumes, o linguajar, as tradições e as crenças sertanejas em seus textos foi o folclorista potiguar Luís da Câmara Cascudo, grande estudioso da cultura brasileira e que dá epígrafe ao livro *A Casa*: “O Destino conduzia seus cavalos na noite” (Campos, 2004, p. 7). Ela também se aprofundou nos escritos de Euclides da Cunha, Ariano Suassuna e Sérgio Buarque de Holanda para tecer suas ideias e transpô-las para dentro do universo que criou em torno da mitologia do Sertão, se é que podemos assim chamar. Em suas obras, pode-se perceber a união entre seus estudos e leituras e aquilo que ouvira das memórias de suas avós e bisavós, que eram de origem nordestina e portuguesa, consoante Porto (2013).

Natércia Campos pode ser considerada uma escritora atemporal também por sua escrita única, forte, que consegue amalgamar o real, o ficcional e o fantástico de forma a prender a/o leitora/or até o final das narrativas. Ela está fora de periodizações literárias, exatamente por seu texto situar-se tanto em um passado longínquo, na formação da população sertaneja, quanto nos dias atuais, trazendo novos aspectos para a escrita brasileira.

E é com essa escrita que temos o que ela chamou de “Sertão de dentro”, algo que rompe com algumas visões sobre o Sertão consagrado pela literatura canônica que mostra a saga da seca. A autora adentra nas casas, nos pensamentos, nos sentimentos, no imaginário da vida sertaneja com suas idiossincrasias. Em seus textos, podemos ver personagens conhecidas pelas/os nordestinas/os em geral – sertanejos ou não: visionários, loucas e loucos, profetas,

benzedeiros, rezadores e os galegos, dentre outras figuras. As lendas, as histórias de assombração, as memórias da seca e do universo que circundam o agreste e a Caatinga estão patentes e são descritos com extrema maestria em todos os seus escritos.

Silva (2016 p. 99) aponta que Natércia, além de escritora, também tecia tapetes que continham pinturas e bordados artesanais e transpunha essa prática artística para sua forma de escrita, na qual tecia as palavras poeticamente e fazia “mosaicos verbais por meio de colagens”. Assim, ela fazia jus à própria etimologia da palavra “texto”, que em latim quer dizer “tecido”. Ela tinha como uma de suas características escrever à mão, dentro de seu processo criativo; fazia diversas pesquisas e leituras e ia encaixando essas leituras dentro de sua prosa⁵. Além disso, pedia a pessoas próximas e queridas que fizessem revisões do que escrevia e lhe dessem suas opiniões sobre o que leram, que ela acatava para dar continuidade à tessitura de suas palavras. Sobre a construção de personagens, cenários e tramas, Silva (2016, p. 99) explica:

No seu processo de criação, ela produzia primeiro a parte ficcional, dando vida a seus personagens e narradores – prosopopeicos até – envoltos de determinado tempo e espaço, nem sempre tão aparentes, para somente depois incrementar o enredo, recorrendo às suas pesquisas etnográficas.

Todos esses detalhes e outros tantos mais são esquadrihados na próxima seção.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Começando a entender o porquê do apagamento literário parcial de Natércia Campos

Durante muito tempo, a Literatura de Autoria Feminina foi invisibilizada, inclusive era comum que nossas escritoras do passado publicassem sob pseudônimos ou utilizando o nome de seus maridos, como foi o caso de Maria José Dupré, de acordo com Souza e Câmara (2023). Durante o século XX, houve a possibilidade de se tirar diversas delas do ostracismo, mas, mesmo em pleno século XXI, existem beletistas que são apagadas por diversos fatores, como no caso de Natércia Campos, muito provavelmente por sua origem nordestina, origem essa frequentemente depreciada dentro do universo de escritoras privilegiadas do Sudeste e do Sul, e por ter seguido apenas parcialmente os passos de seu pai, o famoso e premiado contista cearense Moreira Campos – e sendo mal interpretada por isso. Ela fora por ele influenciada,

⁵ LIMA, E. S. A. *A Casa: arquitetura do texto* – uma investigação sobre a origem do romance de Natércia Campos. 2009. 184 f. (Dissertação de Mestrado) – Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2009.

mas não queria imitá-lo, pois almejava possuir uma identidade e uma liberdade artística suas, que não foram plenamente compreendidas a princípio por quem a lia e comparava com ele.

3.2 “Dissecando” *A Casa*, de Natércia Campos, uma joia da Literatura Brasileira

Começamos lembrando que o mote de termos uma história narrada por uma personagem inanimada não é original de nossa fomenageada. Este é um recurso estilístico bastante comum e que seu pai utilizou à profusão, consagrando-se por isso também. O fato deste ser inanimado ser uma edificação também ficou registrado na Literatura com o farol, do romance woolfiano *To The Lighthouse*, publicado pela primeira vez em 1927. Entretanto, o ineditismo de Natércia Campos e sua originalidade como escritora repousam em outros fatores que aqui apresentamos.

Seu romance *A Casa*, com C maiúsculo, pois ela representa a propriedade humana que esta construção possui, não é só um simples lugar, uma habitação, uma vez que tudo o que acontece ao seu redor é importante – tanto as personagens quanto as histórias ali encenadas. A Casa é tão imprescindível quanto seus moradores e seus visitantes, ultrapassando a vida de seus transeuntes, guardando memórias e narrativas deles, de acordo com Cavalcante (2011, p. 36):

O romance de Natércia Campos, apesar do grande vigor regionalista, bem delineado na apresentação da fauna e flora típicas do sertão, assim como no linguajar dos personagens e narradora desse romance, não dá indicações. As denominações dos lugares são ficcionais e o tempo histórico incerto permeia com vigor os nascimentos, vivências e mortes dos sujeitos-personagens das diversas gerações que perpassam a Casa, do que propriamente o tempo em que se passam essas tramas.

A Casa é a protagonista do livro, sendo sua narradora auto diegética, e tudo o que acontece com ela é descrito conforme as suas relações, sentimentos e capacidades, que incluem o fantástico – como, por exemplo, entidades específicas como a Fome e a Morte, que tal como a Casa, têm suas grafias iniciadas com letras maiúsculas no romance. Aqui é imperante fazer menção a este binômio que assolou famílias e histórias de vida durante séculos, especialmente quando das longas estiagens ou secas: fome-morte. A busca por alimentos e a longa privação deles aliada às epidemias que devastaram o Nordeste até pouco tempo atrás, como o cólera e a tuberculose, fizeram com que esse rincão do país, desassistido do Poder Público, multiplicasse os óbitos desnecessários e evitáveis.

A maneira com que a Casa entende tudo o que acontece é adversa à que seria de uma pessoa comum, pois ela não se relaciona com o meio do mesmo modo que um ser humano se relaciona com outro. Ela é uma casa, afinal, e tal como qualquer casa, é construída, habitada,

visitada e coexiste com o ambiente, mas não interage com ele porque é inanimada. A partir de sua singularidade, ela relata a sua história, albergando gerações familiares que passaram por si, tal como Gabriel García Márquez fez em momentos de sua trajetória literária como em seu *Magnum Opus, Cien años de soledad* (1967).

Esse romance de Natércia, publicado em 1999 pela Edições UFC, se inicia com a Casa falando de sua concepção, tal qual uma criança é gerada, acompanhando o processo de sua construção do alicerce ao telhado, fase a fase. Os termos que a autora utiliza para narrar suas experiências como espectadora de vidas que são engendradas, nascem, vivem e morrem entre suas paredes é de uma poética sertaneja que encanta e nos localiza nos atos descritos, inclusive com relação às regionalidades utilizadas. O universo criado na narrativa leva quem a lê a uma imersão inicial cativante, visceral, quase uterina, e que se modifica quando há um período muito difícil na vida das/os moradoras/es, quando a Fome e as doenças se acercam ao entorno e a Morte chega. Neste momento, a narrativa toma uma densidade fria, dura, cheia de mistérios e calafrios, com a presença de tristeza e desconsolo. É imperante ressaltar aqui o respeito da autora pela fome e pela morte, sempre grafadas em iniciais maiúsculas nesta sua obra.

A poética intrínseca ao seu processo criativo representa uma contribuição valiosa para o panorama literário brasileiro. Seu estilo único engaja a leitora e o leitor no âmago da experiência, proporcionando uma leitura que se destaca pela singularidade e profundidade, algo dificilmente alcançado por quem escreve literariamente. A habilidade de Natércia para criar essa conexão com o público leitor não apenas enriquece sua escrita em si, mas também amplifica o impacto da leitura. O resultado é uma experiência literária enriquecedora e memorável, evidenciando a maestria dela para moldar sua narrativa de maneira a criar vínculos que dialogam com a memória afetiva e com a subjetividade de quem a lê. A Casa, como narradora, mostra o quanto sua forma de estar no mundo se difere das outras personagens que com ela se relacionam, especialmente as/os “viventes”:

O que vivi no longo tempo que me foi dado tornou-se um infindo círculo de viventes, gestos, vozes, imagens, atos que surgem imprecisos de suas épocas e gerações. Emaranham-se as histórias. Voltam sem o ímpeto, a chama que lhes deu vida, e de todas elas sei o final, o desfecho. Ressuscitam sem encadeamento, artes do velho tempo, a embotar estas reminiscências com sua pátina. Diferem das histórias contadas pelos homens até porque o tempo deles é por demais curto. Estão ainda em pleno aprendizado na busca de respostas, de entender sobre os seus de sangue para neles se descobrir, na vã peleja com o obstinado Destino, quando são surpreendidos por Ela (Campos, 2004, p. 24).

Nesse trecho, destacam-se as questões de tempo e como este passa para as pessoas, como passa para a Casa e como passa para a entidade que é referida por Natércia como “Ela” –

no caso, a “Morte”, a quem ela também chama de “Moça Caetana” e “A Velha-do-Chapéu-Grande”. Para a Casa, o tempo é infindo e circular, ou seja, um ciclo, e seja como for, a Casa sabe o final, o desfecho de todas as histórias. Esse trecho mostra a sapiência da Casa e sua resiliência para com o tempo e com as entidades nela presentes, em relação às/aos viventes e a todas as histórias que presenciou. Ainda há ali um apanhado sobre o tecer – tão caro à autora, que tecia tapetes –, que versa, através da narrativa, sobre Tia Alma, fios de algodão, gatos e o Trasgo:

Foi de tia Alma que ouvi sobre o Trasgo, espírito caseiro que persegue só as mulheres tecedeiras enovelando as suas meadas. Sentia ela quando o Trasgo chegava pelo azeite da candeia que esturrava, fazendo a chama oscilar e ela persignava-se dizendo: “Guarda-o, Deus”. Contava que de onde ela viera, o Trasgo é quem trazia os nevoeiros e arrelia o atrevido, as mulheres quando estas se deitavam, dando-lhes pequenos beliscões. Assim ela explicava as pequenas equimoses azuis que apareciam em sua branca pele (Campos, 2004, p. 25-26).

As crenças populares, tal como vemos acima, eram trazidas porta adentro da Casa. Ali ficavam e a povoavam, espelhando o imaginário do povo nordestino. Esse recurso de se utilizar de um ser inanimado como narradora diegética, em primeira pessoa, impossibilitando pôr dúvidas em sua onisciência foi utilizado com extrema habilidade por Natércia Campos, que conseguiu, desta maneira, a adesão da confiabilidade que esta personagem narradora adiciona ao ambiente da trama. Portanto, fazer uma narrativa imersiva é de grande valia para a leitura e levar uma personagem como uma casa para o centro de uma saga familiar, contada por esse ser aparentemente irresponsivo e não vivente de modo fidedigno – em uma escrita sensível às crenças, tradições, cultura e linguajar nordestinos –, é meritório.

Sem se fixar no tema das repetidas secas no Nordeste, ainda que não o ignore, a autora diversifica as histórias que conta por meio dessa Casa atípica e expõe espaços, imagens, feitos, símbolos e especificidades que têm pleno significado para quem é nordestina/o, para quem é sertaneja/o. Para quem não o é, esse estilo de escrita multifaceta as possibilidades de entendimento do que é ser pertencente a uma das regiões mais negligenciadas do país em tudo: da infra à superestrutura – e desde sempre.

3.3 Os possíveis porquês de Natércia Campos não brilhar em nossas letras como merece

Dentre os possíveis porquês que impediram que Natércia Campos tivesse um lugar mais destacado dentro da literatura nacional como acreditamos que ela merece, ratificamos alguns, como o fato de ser filha de Moreira Campos. Seu pai teve uma carreira literária longa, profícua,

respaldada e respeitada dentro da Academia e fora dela, e Natércia foi muito comparada a ele durante sua trajetória nas letras, resultando em muita pressão sobre si. Chaves (2022, p. 28) nos adverte sobre o tratamento dado à autora:

Por ser filha de escritor já laureado, sua escrita sofre, então, um crivo ainda maior da crítica literária, como que obrigação ela tivesse de seguir a trilha de contista do pai, o que não deixa de tornar irônico o fato de sua obra de maior renome ser um romance.

Apesar de a escritora seguir determinados estilos de escrita de seu pai em relação à escrita do Sertão⁶, ela fez seu próprio percurso, indo a fundo nas questões sertanejas e nas histórias que ouviu de seus familiares durante a vida, trazendo uma sensibilidade ímpar em sua escrita que vem através de seu olhar feminino e da boa ouvinte que foi durante toda a sua vida, ao perceber a riqueza das histórias nos discursos alheios, mas que ela identificava como inspiradores. O fato Moreira Campos ser homem e ter tido prestígio em seu fazer literário, pode ter incutido uma ilusão de inferioridade com relação à escrita de sua filha – o que é errôneo.

Natércia Campos, Conceição Evaristo, Carolina de Jesus, Cora Coralina, Toni Morrison e Scholastique Mukasonga, somente para citar algumas, foram/são mulheres que debutaram tardiamente na Literatura – o que pode ter-lhes ocasionado rechaço. Como muitas mulheres em sociedades falocêntricas e etaristas como a nossa, Natércia primeiramente cumpriu com seus papéis sociais de esposa e de mãe e somente quando já era avó, morando há 20 anos em Barcelona, na Espanha, lançou-se em sua escrita literariamente. E não foi uma escrita qualquer, descuidada; muito pelo contrário: ela fazia extensas pesquisas antes de começar a delinear seus textos. Mas para um Cânone Literário machista e uma mídia idadista, sua grandiosidade não foi devidamente reconhecida de imediato.

Ao estabelecer a relação entre a condição feminina e o início tardio da carreira desta escritora, deparamo-nos com a Literatura Fantástica que ela utilizava, que desafia a narrativa tradicional e também parcialmente explica o tipo de apagamento ocorrido com nossa femenejada. Ao analisarmos obras como *A Casa dos Espíritos*, de Isabel Allende, e *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez, encharcadas de realismo fantástico e latinidade, compreendemos a construção de uma literatura latina marcada por ditaduras e sangue, mas também por narrativas escapistas, revelando o que nos foi brindado por Natércia Campos: um Sertão cearense rico, real e poético.

⁶ Chaves, S. W. F. *Cartografias do “sertão-de-dentro” na obra A Casa de Natércia Campos*. 2022. 122 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2022.

Contudo, muito devido ao cenário fantástico que descreve em seu romance, nem todas/os que o leram ou leem assumiram ou assumem esse cenário no Sertão cearense como crível. O fantástico é algo considerado muito distante e o Sertão está aqui, tórrido e sem os encantos mágicos que Natércia enxergava – muito possivelmente por somente conhecê-lo pelas conversas que escutava dos mais velhos, e idealizando-o de forma não realista. E ela, como reiteradamente posto neste artigo, trouxe muito disso, do conhecimento que se passa e repassa oralmente sobre um lugar que poucos brasileiros conhecem. Ao se utilizar desse discurso sobre esse *locus* específico e pesquisar e estudar as obras de Câmara Cascudo e de Guimarães Rosa, a autora conseguiu amalgamar à sua arte literária um Sertão verdadeiro, que pode ser visto e apreciado por seu público leitor – especialmente por quem tem experiência com o sertanejo.

A *Casa* apresenta uma atmosfera que podemos ver, a título de ilustração, em *A Casa dos Espíritos* (1982), de Isabel Allende, nas transformações geracionais daquela família e da casa que a albergou através dos resquícios das pessoas e dos espíritos que ali vivem, assim como em *Cem Anos de Solidão* (1967), de Gabriel García Márquez, atravessado pelas gerações da família Buendía em suas tensões e subjetividades do dia a dia.

E um dos prováveis fatores que podem ter levado ao ofuscamento da escritora é o fato de ela ter sido oriunda do Nordeste e haver escrito com poesia e encanto sobre o Ceará – um estado bastante subestimado no panorama nacional. Contudo, é também o que vem obtendo as maiores notas na redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) há anos, com as melhores aprovações neste exame por meio de candidatas/os provenientes de escolas particulares⁷, e contando com 15 escolas entre as 100 melhores escolas públicas do Brasil⁸. Muitas dessas escolas têm sido premiadas ultimamente, como é o caso da Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Joaquim Bastos Gonçalves, em Carnaubal, no noroeste do estado, que ganhou, em 5 de novembro de 2023, o prêmio internacional de “Melhor Escola do Mundo⁹” – cujos apoios são a Fundação Lemann, Accenture e American Express.

É notável como a Educação nordestina tem se destacado no Brasil e que, com os anos, houve um investimento significativo na infraestrutura escolar, na formação de professorado e alunado e isso tem aumentado determinadas tensões do Nordeste com e o Sul e Sudeste que se refletem em âmbitos múltiplos como a própria Literatura, e que pode, muito provavelmente, ser

⁷ Disponível em: <https://exame.com/brasil/enem-as-10-maiores-escolas-do-brasil-de-acordo-com-as-notas-de-2022/>. Acesso: 5 nov. 2023.

⁸ Disponível em: <https://bkpsitepsnew.blob.core.windows.net/uploadsiteps/sites/1/2020/09/20.09.15-100-Melhores-escolas-publicas-do-Brasil-1.pdf>. Acesso em 5 nov. 2023.

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/educacao/noticia/2023/11/04/escola-do-ceara-vence-premio-de-melhor-do-mundo.ghtml>. Acesso em 5 nov. 2023.

um argumento que demonstra o quanto o fato de ser nordestina torna uma autora passível de silenciamento, ostracismo, apagamento e esquecimento por parte do cânone literário. Isso pode, desafortunadamente, ter sido o que aconteceu com Natércia Campos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história das mulheres atravessada por apagamentos, e cabe a nós, mulheres ou não, a responsabilidade de reconstruir as histórias de nossas ancestrais, de nossas conterrâneas – ou não –, pretéritas e contemporâneas, e que podem e devem ser contadas. Natércia Campos foi uma mulher plena na realização dos projetos por ela arquitetados, sendo mãe de seis filhos e, quando a vida a presenteava com os filhos de seus filhos, resolveu que era o momento de nos presentear com seu legado literário a partir de suas primeiras publicações neste sentido. E ela foi grande, mesmo que por breves anos.

Seja por sua condição de mulher, seja por sua origem nordestina, seja por ser filha de um renomado contista, nada justifica o obscurecimento de uma figura feminina que teve a generosidade de olhar para o Nordeste com um carinho genuíno, enaltecendo a região com amorosidade e respeito. Natércia produziu obras imorredouras e conquistou reconhecimento em vida, sendo, inclusive, eleita unanimemente para a Academia Cearense de Letras, mas posteriormente foi relegada ao ostracismo sem uma justificativa aceitável. Somente há pouco tempo atrás, seu nome passou a ser mais veiculado na Educação Básica no Ceará – para que se possa imaginar como esse apagamento é completamente injustificável.

Seu olhar repleto de fascínio e magia, voltado para o fantástico, tal como tantas e tantos de sua geração na América Latina (Isabel Allende, Gabriel García Márquez, Julio Cortázar e Jorge Luis Borges, dentre outras e outros), merece ser resgatado e compartilhado.

Que mais trabalhos como este nasçam das pesquisas em andamento sobre ela e sobre suas obras; que mais falemos, escrevamos e publiquemos sobre sua arte com as palavras. Que Natércia Campos – que nos deixou em 2 de junho de 2004 cercada por seus filhos, livros, quadros, plantas e magas –, receba esta femenagem que lhe fazemos em forma de artigo em agradecimento pelo horizonte de sentidos que ela nos descortinou com sua escrita diáfana, com seu universo etéreo, com suas personagens emblemáticas e trazendo para perto de nós o Nordeste brasileiro exatamente como ele o é: um celeiro de encantamento e riquezas ímpares.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, N. *Academia Cearense de Letras*. Disponível em: <https://academiacearensedeletas.org.br/membros/natercia-campos/>. Acesso em: 31 out. 2023.
- CAMPOS, N. *A Casa*. Prefácio de Sânzio de Azevedo; Posfácio de Jorge Medauar. 3 ed. Fortaleza: Imprece, 2011.
- CARVALHO, E. Memória – Natércia Campos encantada, *Jornal O Povo*, 03 jun. 2004. *Jornal de Poesia*. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ncampos.html>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- CHARTIER, R. *A História Cultural – entre prática e representações*. Rio de Janeiro: Memória e Sociedade, 1990.
- CHAVES, S. W. F. *Cartografias do “sertão-de-dentro” na obra A Casa de Natércia Campos*. 2022. 122 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2022.
- EXAME. Enem: as 10 melhores escolas do Brasil de acordo com as notas de 2022. 16/10/2023, às 14h09. *Agência O Globo*. Disponível em: <https://exame.com/brasil/enem-as-10-maiores-escolas-do-brasil-de-acordo-com-as-notas-de-2022/>. Acesso em: 5 nov. 2023.
- G1. Escola do Ceará vence prêmio de melhor do mundo. 04/11/2023, às 10h24. *Globo.com*. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/educacao/noticia/2023/11/04/escola-do-ceara-vence-premio-de-melhor-do-mundo.ghtml>. Acesso em: 5 nov. 2023.
- GUTIÉRREZ, A.; MORAES, V. *Tributo a Moreira Campos e Natércia Campos*. Fortaleza: UFC, ICA, 2007.
- SILVA, L. V. da. *O espaço privado da casa e sua relação com a representação feminina inserida na obra A Casa, de Natércia Campos*. 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2016.
- SOUZA, G. S.; CÂMARA, Y. R. A Condição Feminina no Brasil Presente nas obras Éramos Seis e Dona Lola, de Maria José Dupré. In: CÂMARA, Y. R. (Org.). *Das Brumas à Luz: Escritoras Nacionais em Pauta*. Tutóia: Diálogos, 2023, vol. 2, pp. 245-284.
- TIMBÓ, M. P.; COUTINHO, F. M. A. A relação dialógica nos contos: “Dizem que os cães veem coisas”, de Moreira Campos e “A Menina”, de Natércia Campos. In: *Revista Literatura em Debate*, Frederico Westphalen, vol. 6, n. 11, 2012, p. 32-52. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/19570?locale=en>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- VIANA, L. *O espaço privado da casa e sua relação com a representação feminina inserida na obra A Casa, de Natércia Campos*. 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2016.

100 Melhores Escolas Públicas do Brasil. Disponível em:
<https://bkpsitecpsnew.blob.core.windows.net/uploadsitecps/sites/1/2020/09/20.09.15-100-Melhores-escolas-publicas-do-Brasil-1.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2023.